



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Rito de passagem

O espetáculo *Azira'í*, apresentado recentemente na cidade, é um acontecimento histórico e cultural que vai muito além do fato (nem tão simples assim) de ser um espetáculo teatral. São tantos os aspectos envolvidos na concretização deste projeto que fica até difícil a gente tentar trazer todos eles à discussão. Mas vamos tentar.

O leitor imagine um índio na floresta, absolutamente analfabeto (em termos da cultura branca), com sua cultura em choque com o contexto e o risco de desaparecimento. Para sobreviver, esta comunidade precisa aproximar-se de quem a está destruindo. 'Aprender' com ela, aqueles seus termos (dela) porque é neste campo (do outro) que precisa lutar se quiser (tentar) sobreviver.

Eu já tive a oportunidade extraordinária de acompanhar algo assim. Em 1972, publiquei o livro *O gravador do Juruna* (obrigado, sempre, editor Roque Jacobi), do índio xavante que, mais tarde, seria o primeiro deputado federal de comunidade nativa eleito no Brasil. Com ele viajei por universidades, visitei sua aldeia e tentei entender sua tragédia (é impossível). Nunca me saí da memória uma frase que dele ouvi, numa madrugada: "Antonio, não sou mais índio, mas também

não sou homem branco. O que eu sou?" O antropólogo Darcy Ribeiro, em seu último e extraordinário livro, transformado em série pelo GNT - *O povo brasileiro* (2006) - refere aos mestiços surgidos no período do Brasil Colonial como os 'ninguenidades', nem branco, nem índio; nem branco, nem negro; nem negro, nem índio etc. O Brasil é um país feito de 'ninguenidades', e devemos ter orgulho desta condição: ela nos faz diferentes e capazes de enriquecer a espécie humana e a civilização dos homens.

Azira'í é uma peça de teatro - um musical de memórias, como sua autora prefere dizer e está estampado na edição do texto da obra (Cobogó, 2024). Imagine - volto ao começo - imagine um índio, pior, uma índia, que resolve construir esta epopeia: ela entra no mundo dos brancos, aprende suas regras e, autodidata, se torna uma atriz que chega a ser ovacionada por algumas das maiores plateias da França...

Azira'í é um esforço extraordinário de busca de comunicação, de diálogo, da índia - atriz, dramaturga, bailarina, artista plástica - Zah'y Tentehar, com a participação do diretor Duda Rios. É de ambos a dramaturgia do espetáculo, um trabalho que é uma quebra de convenção sob todos os aspectos. Imagine a gente ficar ouvindo uma índia falar sobre si mesma, sua mãe e sua cultura, durante hora e meia (!) - e a gente se interessar, e se emocionar, e ao final, querer mais...

Mais que isso: logo na abertura do espetáculo, a atriz se expressa em sua língua nativa durante cerca de dez minutos, sem parar. Não se entende nada, mas... Depois de um tempo, a gente se dá conta que está entendendo, mesmo que não entenda. Porque o que Zah'y Tentehar alcança é estabelecer com o público uma ponte emocional, sensorial, que nos prende e nos envolve. No início, deve ser muito difícil para ela: a plateia está fria, distante, braços cruzados... Mas ela vai

insistindo, melifluamente, e quando menos se nota, estamos absolutamente dependentes de sua fala e de sua figura, que perde a distância e se aproxima de nós, como se a gente estivesse naquela roda que os índios fazem à noite, em volta da fogueira, para comentar os acontecimentos do dia.

O espetáculo, muito palavra, mas também muito elemento cênico, com a cenografia de Mariana Villas- Bôas, figurinos de Carol Lobato, iluminação de Ana Luzia Molinari de Simoni, trilha musical extraordinária de Elisio Freitas, com canções originais de Duda Rios, Elisio Freitas, Marcelo Caldi e da própria Zah'y Tentehar, é absolutamente inesquecível. A foto dramática e tocante da mãe da atriz, a partir da qual, em torno da qual, e em homenagem da qual todo o trabalho é desenvolvido, a primeira pajé mulher da tribo, *Azira'í*, que dá nome à encenação e que aparece ao final (imagem de Léo Aversa), é algo inesquecível.

O preconceito que ainda muitos temos em relação a estes temas fez com que o teatro não lotasse. Lamentável para quem não foi. Perdeu uma experiência de humanização e de civilização irrepetível. Para quem foi, sem dúvida, foi um ritual de passagem definitivo.

Nunca me sai da memória aquela frase: "Antonio, não sou mais índio, mas também não sou homem branco. O que eu sou?"



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

A grande ameaça

Kathryn Binglew, a diretora de *Casa de dinamite*, domina amplamente todos os meios de expressão do cinema. Duplamente vencedora do Oscar, melhor filme e melhor direção, em 2010, por *A hora mais escura*, sobre a caçada a Osama bin Laden, ela é interessada em temas como o terrorismo e o papel vivido por seu país no cenário internacional. Seu cinema, além do compromisso de estar sintonizado com temas que fazem parte da atualidade, tem o objetivo de colocar o espectador diante de acontecimentos cujo conhecimento é obrigatório para que o painel atual seja contemplado em sua totalidade. Seu filme mais recente se difere, em termos realistas, de tal tendência, mas não representa qualquer tipo de contradição, na medida em que, partindo de uma possibilidade, constrói uma ficção marcada pelo realismo, a ponto de seu filme se assemelhar, em muitas de suas passagens, a um documentário, focalizado em algo

tão indesejável quanto possível. Muito bem assessorada por técnicos e conhecedores de meandros relacionados com a segurança numa fase em que são várias as potências nucleares, a cineasta realizou um filme que prende a atenção do início ao fim, inclusive pela forma adotada para contar esta história que coloca personagens diante de uma situação aterrorizante, talvez a última enfrentada pela civilização.

No que se relaciona ao estilo de narrativa adotado, *Casa de dinamite* é original na medida em que o tempo real é ampliado pelo fato de os acontecimentos, decorridos em pouco tempo, serem vividos por personagens cuja ação é acompanhada em partes diferentes, com o drama, sempre o mesmo, vivido por vários personagens. Dessa forma o filme se afasta de obras como *A hora final*, de Stanley Kramer, dirigido em 1959, *Limite de segurança*, de Sidney Lumet, produzido em 1964, e *Doutor Fantástico*, de Stanley Kubrick, uma sátira tão brilhante como perturbadora realizada no mesmo ano, filmes que se assemelham pela escolha do tema. Além de concentrar a ação em poucos minutos, transformados em quase duas horas de projeção, a realizadora faz com que som e imagens só se completem

depois de todas as partes do filme sejam vistas em tempos diferentes, como se aos poucos, mas não em ordem cronológica, as tentativas de proteção possam ser integralmente acompanhadas, processo no qual a memória do espectador exerce papel decisivo. Mas não há dificuldade em acompanhar o que acontece, pois o que é acrescentado apenas aumenta a compreensão do que antes havia sido registrado. Os planos que mostram pessoas procurando abrigos reforçam a constatação de que não apenas estamos vendo técnicos tentando evitar o pior. E também a diretora não esquece os brinquedos, entre eles um dinossauro, uma referência a um filme de Spielberg, e também uma lembrança de que pesquisas diversas, na medida em que empreendidas por humanos, podem levar a desastres.

Exibido nos cinemas de várias cidades, o filme de Binglew, que tem entre seus produtores a Netflix, não está em Porto

Alegre em salas exibidoras. O fato, mais um a evidenciar o atraso atual do sistema exibidor local, evita que o filme seja apreciado de forma mais apropriada. Quanto maior o espaço e os meios de exibição de um filme, mais os interessados ganham possibilidades de ver o que

lhes interessa. Mas o que merece reparo é a diminuição de tais espaços, principalmente quanto a forma original, até hoje insuperável, é abandonada. A própria produtora citada admite tal fato, a ponto de adquirir cinemas e até mostrar interesse em adquirir o controle de empresas cinematográficas. Além disso, em outros centros, antes de lançar cópias para uso doméstico, providencia exibições em cinemas, de modo geral com grande sucesso. Os cinemas, é claro, já não possuem absoluto controle sobre a imagem em movimento, mas perderão ainda mais se não valorizarem a programação e não apresentarem condições exemplares de projeção. Eis outro perigo que está ameaçando o cinema, uma forma de arte-indústria que não poderá viver apenas de festivais e exibições especiais. A imagem reduzida não deverá ser o símbolo de um tempo, cumpre que o espaço maior seja um cenário de resistência. A ameaça não é apenas nuclear.

A diretora constrói uma ficção marcada pelo realismo, a ponto de se assemelhar, em muitas passagens, a um documentário